

Praga, Kafka e Scliar

FLAVIO DEL MESE

Pode-se falar e escrever sobre Praga por muito tempo. A cidade é cativante falando em escrever, especificamente. Lembro que, há muitos anos, encontrei no aeroporto o escritor Moacyr Scliar. Éramos companheiros de Associação Cristã de Moços (ACM). Apesar de eu não jogar basquete, os seus colegas de time diziam que ele também não. O que provocava muitas risadas.

Neste dia, no aeroporto, encontrei-o alegre, radiante. Nos cumprimentamos, e ele disse, emocionado, elevando a voz: “Flavio! Vou a Praga! A cidade do Kafka! Irei a sua casa, ao seu museu, ao seu túmulo”.

Nunca esqueci sua excitação. Conversamos até que um de nós foi chamado. Lembro também que eu não tinha boas lembranças para contar. Havia ficado poucos dias lá, um frio terrível, mas não queria desanimá-lo. Muita neve, e eu com roupa inapropriada, indo em direção à Ásia

“Overland” (por terra), ou seja, por trens e ônibus interurbanos.

Essas lembranças todas voltaram agora, há três meses, quando fui à casa de Franz Kafka, ao seu museu e ao seu túmulo, bem como Scliar. Viajava conosco uma amiga judia que nos guiou.

Só renunciei quando ela quis nos levar a um restaurante “Kasher”. Fui claro: comida Kascher (em hebraico), só feita pelo Fishel Baril, e fomos todos alegres a uma tratoria italiana. Acho que ela também não levava muita fé no gefilte fish e nos blinis.

A pé, fui imaginando como devem ter sido as emocionantes caminhadas do Scliar por ali. E eu, agora, por ali também. Um prêmio não merecido, pois nunca li um livro de Kafka.

A linda arquitetura do bairro judeu, porém, já valeu a visita. Lá estão seis das mais antigas sinagogas da Europa. Uma delas, de 1270. Há também um cemitério que data de 1440, com 12 mil lápides.